

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Grupo online de OP com adolescentes de escolas públicas e privadas durante a pandemia de COVID-19: relato de experiência de uma graduanda em Psicologia

Carina Rieger Junqueira

Uberlândia

2022

Grupo online de OP com adolescentes de escolas públicas e privadas durante a pandemia de COVID-19: relato de experiência de uma graduanda em Psicologia

Carina Rieger Junqueira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Reis

Uberlândia

2022

Carina Rieger Junqueira

Grupo online de OP com adolescentes de escolas públicas e privadas durante a pandemia de COVID-19: relato de experiência de uma graduanda em Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis (presidente)

ME. Luana Mundim de Lima

ME. Adrielly Garcia Siebert

Agradecimentos

É com imensurável alegria que venho tornar público este trabalho de conclusão de curso. Muitas foram as contribuições para que o presente estudo se tornasse realidade. Expressar a minha gratidão e o meu reconhecimento a todos que se fizeram parte nesse processo de construção é uma tarefa desafiadora. Contudo, há sempre algumas pessoas e instituições que marcam a nossa trajetória e que desejo expressar um agradecimento especial, pelo apoio e contribuição durante a minha trajetória acadêmica.

Assim, expresso meus sinceros agradecimentos:

A Deus. Apesar de atualmente me encontrar distante da instituição Igreja por discordar de muitas práticas que ocorrem no seu interior, me considero uma pessoa de muita fé e acredito que Ele esteve sempre presente e ao meu lado por todos esses anos de graduação.

À minha família, principalmente a minha mãe Ivete que sempre me apoiou e me incentivou a conquistar as minhas próprias coisas e alcançar meus sonhos, mesmo que para isso eu tivesse que me mudar de estado, para além do apoio financeiro e o apoio emocional, é ter a certeza que alguém torce muito pelo meu sucesso e que estará ali para me consolar nos fracassos.

Aos meus irmãos, Gabriel e Guilherme, que foram os meus maiores incentivadores para ingressar em uma universidade federal, que não mediram esforços para me apoiar em todo o processo, desde a adaptação à cidade, passando por suporte financeiro e até a preocupação comigo durante as festas universitárias.

Eu não poderia deixar de agradecer ao meu pai Ronaldo, que mesmo não estando mais presente em vida, esteve presente em todo meu processo de vestibulanda, e na tristeza da não aprovação me apoiou e me incentivou a não desistir, dizendo que a minha vaga estava me esperando, sei que independentemente de onde ele esteja, essa conquista o deixaria muito orgulhoso da sua “rapinha do tacho”.

À minha escola E.M.E.F.E.M. Dom Luiz do Amaral Mousinho, onde iniciei os meus estudos na 1º série e conclui o 3º ano do Ensino Médio, apesar de ser uma escola pública com vários problemas internos e quase nenhum incentivo ao ingresso dos seus alunos no Ensino Superior, sou grata pelas experiências e crescimento pessoal que obtive ao longo dos onze anos da minha vida que estudei nela.

À Universidade Federal de Uberlândia, por ter me recebido como uma mãe e ter contribuído ao longo desses anos com todo meu conhecimento e desenvolvimento pessoal e profissional. É primordial valorizar e lutar pela continuidade e expansão das instituições de ensino público que oferecem educação de qualidade e gratuita para todos.

À DIASE, que promove assistência estudantil para auxílio e permanência aos estudantes, sem as bolsas que recebi durante todo meu percurso acadêmico seria impossível concluir essa graduação.

Aos amigos que fiz ao longo desses anos de graduação, desde os que conheci no início até os que conheci agora nos últimos meses, pois, por vezes, se tornaram minha família aqui em Uberlândia.

Aos adolescentes/estudantes que participaram dos projetos de extensão/estágio e que foram muito importantes na minha trajetória com a Psicologia Escolar e Educacional e a Orientação Profissional.

À Maria Eduarda Matos da Cunha Lima e Isadora Tavares pela parceria sensacional na extensão e no estágio, ambas experiências foram indispensáveis na realização deste trabalho.

À Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis por toda paciência, orientação e cuidado durante a escrita deste trabalho de conclusão de curso, e também por ter me orientado na extensão/estágio em Orientação Profissional.

A vocês, muito obrigada!

Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo relatar a experiência de uma estudante de graduação em Psicologia sobre a realização, de maneira online, de um grupo de OP com adolescentes de escolas públicas e privadas de diferentes estados do país durante a pandemia de COVID-19. Essa prática envolveu: planejamento e criação de material para divulgação nas redes sociais, organização e realização dos grupos com adolescentes de diferentes cidades e estados do país. Essa prática possibilitou o desenvolvimento de recursos importantes para a formação e atuação enquanto profissional da Psicologia.

Palavras-chave: Adolescência; orientação profissional; ensino remoto; Psicologia Histórico-Cultural.

Abstract

This course completion work aimed to report the experience of an undergraduate student in Psychology about conducting, online, a Professional Guidance group with adolescents from public and private schools in different states of the country during the pandemic of COVID-19. This practice involved: planning and creation of material for dissemination on social networks, organization and implementation of groups with adolescents from different cities and states of the country. This practice enabled the development of important resources for training and acting as a Psychology professional.

Keywords: Adolescence; professional orientation; remote teaching; Historical-Cultural Psychology.

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE ADOLESCÊNCIA E O PROCESSO DE ESCOLHA PROFISSIONAL	12
A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA MODALIDADE REMOTA	21
A ESTRUTURAÇÃO DOS GRUPOS	23
OS ENCONTROS COM OS GRUPOS DE ADOLESCENTES	24
SONHOS, CAMINHOS E ESCOLHAS	25
REALIZAÇÃO DOS ENCONTROS	24
COMO FOI PARA MIM REALIZAR OS ENCONTROS	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

Apresentação

Início o meu trabalho de conclusão de curso (TCC) convidando você, leitor, para conhecer um pouco da minha trajetória de formação em Psicologia e da minha aproximação com a adolescência, a orientação profissional, a Psicologia Histórico Cultural e a área de Psicologia Escolar e Educacional.

Durante meu percurso pelo curso de graduação em Psicologia, sempre procurei estar aberta a diferentes possibilidades e caminhar por lugares desconhecidos. Penso que essa liberdade me permitiu entrar em contato e experimentar diversos lugares dentro da Psicologia ao longo desses quase seis anos. Dentre esses caminhos que percorri, tive uma grande surpresa quando me deparei com a área da Psicologia Escolar e Educacional. Ainda não havia parado para conhecê-la de fato, para pensar muito a seu respeito, se gostava ou não, se me interessava ou não. No início do curso, passei os olhos pela grade curricular a fim de me apropriar do que o curso de graduação teria para me oferecer... descobri diferentes disciplinas, abordagens teóricas que revelavam estar relacionadas com a atuação em Psicologia e na área de Psicologia Escolar e Educacional.

Foi no Estágio Básico, com foco direcionado para a área em questão, que percebi a minha aproximação dos seus fazeres. Assim, aconteceu um encontro surpreendente e inesperado, uma identificação e um encantamento pela prática que eu não havia visto ainda. Esse estágio foi realizado com um grupo de adolescentes do 9º ano, último ano do Ensino Fundamental 2, de uma escola pública da cidade de Uberlândia, MG. Momento marcado pelo encerramento de ciclo para esses estudantes, pois iriam mudar de escola e ingressar no Ensino Médio. Lembro-me de algumas preocupações apresentadas por esse grupo de adolescentes: o medo do desconhecido, da nova escola, de fazer amizades, o caminhar rumo ao desconhecido e em um futuro não muito distante viria a

responsabilidade de fazer algumas escolhas, sobre quem seriam e o que fariam depois do final do Ensino Médio.

Um fato curioso nessa minha jornada, é que eu tinha muita dificuldade em lidar com adolescentes, carregava comigo uma série de preconceitos sobre esse momento do desenvolvimento humano e, por causa disso, imaginava que seria quase impossível desenvolver um trabalho bacana com eles. Quando soube que meu estágio básico seria com um grupo de adolescentes quase entrei em pânico, fui bastante resistente e confesso que nos primeiros encontros tinha um pouco de medo deles, medo das críticas, da possibilidade de não ser aceita, dos questionamentos e da confrontação. Porém, no decorrer do trabalho fui percebendo o interesse e o desejo desses estudantes de serem ouvidos, o que me deixou mais tranquila e ciente de que aquela ideia que eu vinha carregando não correspondia à realidade.

Outras experiências marcantes durante a minha trajetória na graduação e que serão apresentadas neste TCC consistem: no projeto de extensão universitária realizado durante o ano de 2020; e no ano de 2021, o estágio profissionalizante em Orientação Profissional desenvolvido na modalidade remota, por causa do cenário de pandemia por COVID-19. Tais atividades foram desenvolvidas com grupos de adolescentes que estavam em momento da escolha de uma profissão e cursando o Ensino Médio ou cursos preparatórios para o vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de escolas públicas e particulares. Realizamos um grupo de estudo para nos preparar para o estágio, fizemos a divulgação para a comunidade de Uberlândia, momento importante para iniciarmos a prática.

Acredito que essas experiências me possibilitaram (re)significar a minha compreensão sobre a adolescência, momento do desenvolvimento humano marcado por discussões controversas e opiniões que, popularmente, denotam um lugar social de

estigmas e pouca representatividade, dado a “curta experiência” de vida do adolescente. Em contradição a esta pouca credibilidade concedida ao adolescente, recai também sobre ele cobranças e responsabilidades que convidam (algumas vezes de maneira precoce) para a idade adulta. Nesse sentido, compartilho a minha perspectiva sobre as construções de aprendizagem e atuação em Orientação Profissional com grupos de adolescentes.

Partindo de fundamentações teóricas sustentadas pela Teoria Histórico-Cultural será apresentada uma breve contextualização sobre a adolescência, seus aspectos sociais e culturais e sobre a Orientação Profissional, em especial, durante o cenário de pandemia do COVID-19. Em seguida, será discorrido a construção e o desenvolvimento do trabalho realizado com o grupo de adolescentes na modalidade on-line. Por fim, serão apresentadas as reflexões finais e as referências utilizadas para fundamentar o presente trabalho.

Reflexões teóricas sobre adolescência e o processo de escolha profissional

O que é adolescência? A adolescência é igual para todos? Como os adolescentes são vistos pela sociedade? Como os adolescentes e a sociedade se relacionam? Como os adolescentes vivenciaram o período de pandemia e isolamento social? O que o adolescente vem pensando sobre o processo de escolha profissional, que caminho seguir após o Ensino Médio (EM) diante do cenário de crise econômica, social e política desencadeada pela pandemia do COVID-19? Na intenção de construir algumas reflexões e respostas para tais questões, recorreremos à Psicologia Histórico-Cultural para nos ajudar a compreender a adolescência e os aspectos envolvidos em seus processos de escolha da profissão.

Iniciando as nossas reflexões, é importante compreender de qual adolescência estamos falando, em qual contexto está inserida e como ela existe na atualidade. Assim, não seria possível falar sobre adolescência sem contextualizar o momento presente no qual fomos surpreendidos por uma pandemia mundial que afetou a população de diferentes maneiras.

No dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu alerta sobre diversos casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Esse alerta se tratava de uma nova cepa (variedade) de coronavírus que não havia sido encontrada antes desse momento em seres humanos. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi definida pela OMS como uma pandemia, ou seja, o vírus já havia se espalhado por diversos países e regiões do mundo (OPAS-Organização Pan-Americana da Saúde).

Binotto, Goulart e Pureza (2021) apontaram que após a declaração da pandemia e na tentativa de diminuir a contaminação e o aumento dos casos da COVID-19, as escolas foram fechadas, os contatos sociais ficaram restritos e grande parte das atividades realizadas fora de casa foram suspensas. Houve também o período de quarentena, momento em que muitos pais e adolescentes ficaram reclusos em casa por um tempo maior

do que o habitual. Importante ressaltar o agravamento da crise socioeconômica em consequência do fechamento em grande escala do comércio, resultando no alto índice de desemprego e perdas na renda familiar, acentuando as desigualdades sociais.

Os estudos a respeito dos possíveis efeitos ocasionados pelo distanciamento social na vida dos adolescentes ainda são poucos, talvez por ser algo muito recente. Sabemos que o afastamento dos familiares queridos, principalmente dos idosos, dos amigos, dos professores, do convívio diário na escola, a falta de liberdade e do poder de ir e vir para os lugares, as incertezas sobre a doença, a mudança de rotina, o convívio mais intenso dentro de casa, questões relacionadas à situação financeira da família e a suspensão das aulas foram alguns dos exemplos que contribuíram para mudanças no comportamento e nos hábitos dos adolescentes (Malta et. al., 2021).

Ademais, retomando a compreensão de adolescência na história, notamos que ela vem sendo tratada em grande parte das produções científicas relativas a essa temática, em particular na Psicologia, como uma fase natural do desenvolvimento, pela qual todos os seres humanos necessariamente passarão após a infância. Essa fase intermediária, que antecede a vida adulta, é tomada por inúmeros estudos como um momento difícil e problemático, carregado de conflitos “naturais” demarcados por comportamentos de rebeldia, insatisfação, sentimentos de onipotência e crises geracionais, ganhando assim caráter semi patológico, como descrito por Aberastury e Knobel (1981) em sua obra *Adolescência Normal*. Outro ponto que marca esse momento do desenvolvimento humano diz respeito às mudanças físicas (surgimento de pelos no corpo, crescimento das mamas nas meninas e alteração na voz nos meninos, entre outras) e psicológicas, fortemente marcada pelo desenvolvimento da sexualidade.

As alterações biológicas (marca da entrada na puberdade e início da adolescência) poderão ser maximizadas ou minimizadas em seus efeitos na conduta, dependendo dos

ritos sociais que cercam essa passagem ou dos aspectos singulares da biografia do adolescente (como a ruptura precoce de vínculos familiares) ou de determinada condição de vida objetiva. A pobreza, por exemplo, poderá implicar que esse aspecto biológico não ganhe tanta relevância, uma vez que, independentemente dele, o jovem vê como dever próprio o ingresso no mundo do trabalho para auxiliar na renda familiar ou, ainda, ser provedor da família. Nesse sentido, a adolescência como etapa da vida deve ser compreendida também como uma variante da condição social de classe, isto é, sua duração e vivências ocorrem dependendo da origem social dos sujeitos e de suas condições objetivas de vida (Malvassi & Trassi, 2010)

Essa concepção tradicional da adolescência, amplamente divulgada pelos meios de comunicação de massa, foi incorporada pela cultura e assimilada pela sociedade instalando, assim, uma visão naturalista e universal dessa fase da vida, que oculta todo o contexto social e cultural da mesma (Ozella, 2003). As concepções da sociedade em relação à adolescência, as quais fazem associações com manifestações de oposição e contestação, agressividade e atitudes anti-sociais, influenciam o comportamento de pais, educadores e do próprio adolescente, pois pré-estabelecem um padrão de conduta e criam mitos e preconceitos, nem sempre coerentes com a realidade. Com frequência, os jovens reproduzem tais concepções instituídas socialmente e se apropriam da ideia construída ao longo da história do que é ser adolescente, em uma demonstração da eficácia ideológica do conceito, assumido pelo jovem como expressão de sua autêntica forma de ser.

Mesmo com estudos antropológicos que vêm questionando a universalidade dos conflitos adolescentes, a psicologia convencional ainda continua negligenciando a sua inserção histórica e suas condições objetivas de vida. As teorias psicológicas que se encontram nos manuais de Psicologia do Desenvolvimento dissimulam, ocultam e legitimam as desigualdades nas relações sociais ao supor uma igualdade de oportunidades entre todos os adolescentes. Essa psicologia situa a responsabilidade das ações do

adolescente no próprio jovem, portanto, se ideologiza (Bock, 2018; Climaco, 1991, citado em Ozella, 2002).

Calligaris (2009) por outro lado, aponta que adolescência não possui uma definição clara e por isso se torna confuso o que a sociedade realmente espera desse momento do desenvolvimento. Os adolescentes possuem meios para o exercício da vida sexual, profissional e afetiva, porém, a sociedade interfere para que eles não exerçam tais papéis e em contrapartida, exige atitudes mais responsáveis.

Ainda de acordo com o autor supracitado, a adolescência também é vista como um período de moratória entre a infância e a vida adulta, e é nesse momento de transição que atingimos a constituição da identidade. Assim, pode-se entender que a identidade é a consequência das relações biológicas e sociais do sujeito ao longo dos anos. Desse modo, os adolescentes se encontram em um momento de crise com a construção de identidade e expectativas para o futuro, e na busca dessa construção individual que os mesmos procuram referências e representações sociais para compor sua própria identidade. É nesse momento que a mídia tem grande influência na vida dos adolescentes, pois será a partir da identificação com os heróis dos filmes, os jogadores de futebol, personagens de ficção e as personalidades famosas como atores e cantores, que essas referências moldarão sua identidade, visando o seu futuro como adulto (Quiroga & Vitalle, 2013). A adolescência, portanto, deve ser pensada para além da idade cronológica, da puberdade e transformações físicas que ela acarreta, dos ritos de passagem, ou de elementos determinados aprioristicamente ou de modo natural. Esse momento da vida deve ser considerado como uma categoria que se constrói, se exercita e se re-constrói dentro de uma história e tempo específicos.

Bock (2004) confirma essa ideia ao pontuar que a adolescência é uma construção social e não uma fase natural do desenvolvimento. É uma etapa da vida significada,

interpretada e construída pelos homens, que terá ressonâncias na subjetividade e no desenvolvimento dos mesmos. Concomitante a ela, estão as marcas do desenvolvimento do corpo que também são constituintes desse período do desenvolvimento, mas que o fato de existirem não faz dele um fenômeno natural, apesar de serem tomadas sócio-culturalmente como fatores responsáveis pelo aparecimento da sintomatologia da adolescência normal.

Similarmente, o adolescente não é algo “por natureza”. Ele apresenta suas características que, interpretadas nas relações sociais, possibilitam que o mesmo tenha um modelo para sua construção pessoal. Por meio das significações sociais, o jovem tem referência para construir sua identidade e os elementos para converter o social em individual (Becker, 2009; Bock, 2004).

Nesse sentido, pensar e procurar entender como se dá o processo de escolha profissional para o público adolescente é necessário, principalmente, diante de um cenário pandêmico e por ser uma das decisões mais importantes nesse momento da vida. Nos últimos anos, inúmeras e intensas mudanças marcaram as políticas econômicas, sociais e educacionais que impactaram o mercado de trabalho e, conseqüentemente, a escolha de uma profissão.

A escolha de uma profissão pode ser considerada hoje como uma das principais condições para a sobrevivência em sociedade. Porém, para um grande número de pessoas, essa é uma das tarefas mais difíceis de serem realizadas. Nos últimos tempos, com a criação de novos cursos profissionais, bem como com a escassez de empregos e as mudanças nos processos seletivos de ingresso no Ensino Superior, os jovens têm se deparado cada vez mais cedo com a escolha de uma profissão e com o ingresso no mercado de trabalho, e isso tem gerado muitos medos e inseguranças.

A concepção de escolher uma profissão ou uma ocupação não é algo inato ao ser humano, visto que nossos antepassados tampouco se preocupavam para além da

sobrevivência e sua organização de trabalho visava apenas a própria subsistência, na qual caça e a coleta era o necessário para viver. Com o progresso da história, houve certo desenvolvimento da sociedade, onde uma estrutura social era capaz de dividir a sociedade a partir de uma importância social e um poder que cada indivíduo desfrutava. Dentro do contexto de estrutura social, temos o poder da igreja, principalmente a católica, que cumpria um papel de fundamentar que a ordem social era uma vontade divina. Assim, o conceito de vocação era entendido como um chamado divino, ou seja, a “vontade de Deus” que não poderia ser refutada (Bock,2001).

A escolha profissional ganha relevância com o capitalismo, no contexto da terceira revolução industrial, na qual o modelo de produção e consumo em massa promovido pelas indústrias dispunha de um grande número de trabalhadores assalariados que vendiam seu trabalho na realização de funções específicas e repetitivas. Nesse contexto, a Orientação Profissional (OP) se apoia nas práticas da indústria e na ordem sócio-econômica da época, visando o aumento da produtividade industrial. Com a decadência da sociedade industrial, a OP se ajustou a um modelo no qual o foco passou a ser o indivíduo, o sujeito da escolha e não mais a produção. Com esse contrato ideológico, a OP direciona suas estratégias e práticas ao sujeito de escolha. Na busca de manter um compromisso social engajado na reflexão crítica e ética, no que diz respeito ao compromisso social e as escolhas profissionais do indivíduo (Lassance & Sparta, 2003).

Ao discorrer sobre a OP, é possível compreender uma série de práticas que se aproximam e se afastam dos problemas que perpassam essa temática, bem como, algumas das diversas decisões que são esperadas (talvez impostas) aos jovens nesse momento de sua vida, sobre seu futuro, pensando sobre a continuidade ou não dos estudos e o início no mundo do trabalho, em um período de médio-longo prazo como as principais providências. É evidente que essas escolhas acabam afetando, de modo geral, toda a estrutura que o jovem está inserido, principalmente familiar e educacional. Assim, aos psicólogos, aos

pedagogos e outros profissionais envolvidos com essa área de atuação, fica a tarefa de trabalhar e falar da OP, como forma de pensamento crítico, na análise do desenvolvimento individual e social (Bohoslavsky, 1975).

Frequentar um curso em uma universidade, hoje, mais do que um sonho ou uma possibilidade de ascensão social, significa cumprir um ritual “inicial” de ingresso no mercado de trabalho. Porém, contraditoriamente a essa situação, temos visto, principalmente a partir de 1990, um grande número de pessoas com diplomas de nível superior que não encontraram espaço no mercado de trabalho.

A OP é uma área que visa auxiliar/ facilitar o processo da escolha de uma profissão seja fornecendo informações, ou ainda, contribuindo para a compreensão de questões contraditórias envolvidas nesse campo, ou até, oferecendo um espaço de reflexão sobre si mesmo (gostos, preferências, aptidões, entre outros). Segundo Aguiar, Bock e Ozella (2002), a função do psicólogo num serviço de OP é a de promotor de saúde, que constrói juntamente com seus clientes meios para que estes se conheçam e entendam os múltiplos aspectos que compõem a escolha profissional.

Alguns adolescentes que procuram OP relataram que seu interesse era na expectativa de “encontrar uma luz”. Nesse sentido, o orientador/psicólogo ocupa o lugar de prover a “luz” que o jovem tanto procura, tirar esse indivíduo da “escuridão” com as respostas para todas as questões que o aflige. No entanto, isso é curioso e paradoxal, pois coloca o psicólogo como detentor do saber e com poderes sobrenaturais para decifrar esses mistérios da vida do jovem. Mas é durante o processo e o vínculo na relação orientador-orientado que vai se constituindo um “chão emocional” no qual o adolescente consiga apoiar seus pés e encontrar espaço para conviver com todos os estados emocionais que o acompanham nesse momento.

Interessante mencionar que a etimologia da palavra *orientação* remete-se a *oriente*

que em latim significa “a parte onde nasce o sol, o nascente, o leste”. E pensando na função que a OP exerce, seria então esse o trabalho a ser realizado pela dupla orientador-orientando no desenvolvimento do sentimento de “si mesmo”, auxiliando na construção do “dar-se conta” de si durante os atendimentos, assim, possibilitando pensar os próprios pensamentos (Lima, Uvaldo & Dias, 2018).

A OP praticada no Brasil, no que se refere ao atendimento de jovens do ensino médio, tem um segmento que pretende fortalecer temas como a escolha, o autoconhecimento, a informação sobre os vestibulares e as profissões e o mercado de trabalho. Considerada como um importante apoio para a tomada de decisão dos adolescentes, a OP também discute temas específicos, como: o encerramento e a transição de um ciclo educacional para outro; e a trajetória dos estudos até o mundo do trabalho. E ao público adulto, ela auxilia na mudança de profissão, ocupação ou emprego. Assim, a mediação acontece em etapas críticas da carreira profissional do indivíduo e grupo, transitando pela adolescência ou pela vida adulta (Silva, Lassence & Soares, 2004).

O trabalho de OP surge como uma possibilidade de intervenção, que visa, antes de tudo, apresentar e problematizar informações referentes a cursos universitários, ao mercado de trabalho, ao vestibular e às características pessoais, bem como promover reflexões que auxiliem as pessoas a se perceberem como sujeitos singulares, mas que são constituídos ao longo de um processo sócio-histórico (Aguiar, Bock & Ozella, 2002).

Nesse sentido, é possível compreender que a prática em OP está para além de desenvolver habilidades e aptidões que serão praticadas pelos adolescentes em profissões futuras. Ao contrário, ela diz respeito a uma ação de complexidade elaborada que, segundo Bock (2001) pode ser entendida como um conjunto de intervenções que resultam no exercício de desvendar e apropriar dos chamados determinantes da escolha. Tais determinantes são os que encaminham às decisões e possibilitam a elaboração do projeto

de futuro. Diante do exposto, o presente trabalho visa relatar a experiência de uma estudante de graduação em Psicologia sobre a realização, de maneira online, de um grupo de OP com adolescentes de escolas públicas e privadas de diferentes estados do país durante a pandemia de COVID-19.

A Experiência do trabalho de Orientação Profissional na modalidade remota

A experiência que venho compartilhar passou por algumas alterações, pois, a princípio, ela estava programada para ser realizada no formato presencial. Entretanto, em março de 2020, quando iríamos iniciar as atividades de atendimento desse estágio, o Brasil e o mundo foram surpreendidos com o cenário de pandemia provocado pelo vírus da COVID-19. Inúmeras medidas de prevenção e contenção tomadas impactaram de maneira significativa diferentes contextos. O contexto educacional foi bastante afetado em decorrência da suspensão das atividades escolares presenciais e da imposição da modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE) para os diferentes níveis de ensino.

Dessa maneira, até recebermos orientações definitivas do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e da própria Universidade sobre como aconteceriam os estágios profissionalizantes, decidimos transformá-lo em projeto de extensão para experimentar como as ações programadas para o trabalho com grupos de OP com adolescentes aconteceria no formato on-line. Tínhamos inúmeras dúvidas, como: De que maneira poderíamos acessar os adolescentes que estavam no momento de escolha da profissão? Que recursos utilizar para divulgar o trabalho de OP? Como seria conduzir um grupo de adolescentes no formato on-line? Quais estratégias utilizar para convidar o grupo de adolescentes para pensar e refletir sobre o seu processo de escolha profissional? Assim, cabe dizer que a experiência aqui relatada, teve início como uma ação de extensão que caminhou para um estágio profissionalizante e ambos foram desenvolvidos na modalidade on-line.

Realizar esse trabalho de forma on-line, inicialmente, foi algo inesperado e desafiador, mas ao longo do percurso se tornou possível e bastante enriquecedor para a minha formação enquanto futura profissional da área de Psicologia Escolar. Utilizo a palavra “desafiador” para descrever esse momento, pois a situação era muito delicada e

desconhecida por todos nós, estávamos vivenciando cotidianamente muitas mortes causadas pela pandemia, vivíamos com incertezas a respeito da possibilidade de um retorno “normal” das atividades presenciais, retorno esse que parecia estar muito distante naquele momento.

Esse trabalho foi realizado com dupla coordenação de estudantes/estagiárias do curso de graduação em Psicologia. Todas as ações foram construídas e desenvolvidas em parceria com a minha dupla, o que garantiu reflexões e intervenções valiosas para a minha formação. Considero de extrema importância e muito relevante o projeto não ter sido individual, principalmente dado as circunstâncias e as limitações as quais a extensão/estágio foram submetidos devido o contexto de pandemia. Dessa forma, esse relato apresenta as perspectivas e a experiência apenas da autora que vos escreve.

Apesar de todas as adversidades que encontramos no caminho, acredito que conseguimos realizar um ótimo trabalho. No decorrer dos encontros, abordamos temas pertinentes e significativos com os adolescentes, bem como, durante aquela situação atípica e jamais imaginada, oferecer acolhimento para as angústias dos estudantes, que vivenciaram a difícil tarefa de escolher a sua futura profissão em meio a todas as dificuldades ocasionadas pela pandemia.

A estruturação dos grupos

O projeto de extensão intitulado “E agora, José?” teve as atividades iniciadas pela divulgação do grupo de Orientação Profissional, convidando os adolescentes a participar, através das redes sociais (grupos de WhatsApp e e-mails), e principalmente pelo Instagram do projeto. Foram feitos diversos posts com todas as informações necessárias, como: a data de inscrição para participar do grupo; como funcionaria; o público alvo que eram os estudantes que estavam cursando o Ensino Médio ou cursos alternativos preparatórios para processos seletivos no Ensino Superior; informamos que o grupo seria composto por até 8 integrantes e aconteceria em, aproximadamente, oito encontros realizados semanalmente, nas quintas-feiras às 19h através da plataforma Google Meet; com duração média de 50 minutos.

Para a nossa surpresa, tivemos um número significativo de inscritos, o que nos levou a organizar dois grupos: um grupo formado por estudantes de escolas públicas e outro de escolas particulares, considerando as diferentes realidades oferecidos pelos contextos escolares.

Os encontros com os grupos de adolescentes

Os encontros do grupo de OP com adolescentes no contexto virtual e de pandemia: tinham como objetivo promover espaço reflexivo sobre as questões que perpassavam o momento da escolha profissional, apresentados pelos participantes, acolher as angústias, as dúvidas e os conflitos referentes a esse momento, a fim de que encontrassem meios para (re)significar sua realidade e suas expectativas, tornando sujeitos mais autônomos, conscientes, capazes de pensar mais sobre seu planejamento de vida e aptos a fazerem uma escolha profissional mais independente e coerente com as suas necessidades e objetivos.

Devido ao cenário de pandemia vivido durante o período de realização desse projeto, buscou-se acolher as angústias, reflexões e dúvidas relativas a esse momento visto que impactavam todas as questões anteriormente mencionadas.

Os encontros foram estruturados e desenvolvidos considerando os pilares do processo de OP: autoconhecimento, determinantes da escolha, informação, mercado de trabalho e projeto de futuro. A partir das necessidades e demandas manifestadas no decorrer dos encontros em grupo fomos construindo um trabalho de acolhimento dos adolescentes participantes. As reuniões de supervisão, foram importantes nesse processo de compreensão do movimento de cada grupo, isso garantiu o desenvolvimento de ações específicas para as suas particularidades.

Sonhos, caminhos e escolhas

Os sonhos, caminhos e desejos dos adolescentes podem contribuir no processo de escolha profissional, em um exercício de reflexão para pensar o que tenho hoje e o que eu gostaria de ter no amanhã, possibilitando o acesso às memórias e aos sonhos ainda não realizados.

Em um encontro preparado para o grupo, solicitamos que eles fizessem uma linha do tempo, pensando nos objetivos e sonhos que almejavam para o futuro, em um tempo médio de cinco anos, mas antes de projetarem esses sonhos e escolhas para o futuro, pedimos que relembassem os últimos cinco anos, quais eram os sonhos do passado. A proposta do encontro partiria do que os adolescentes resgatassem na memória quais eram seus objetivos do passado, do presente e planos para o futuro e quais caminhos seriam possíveis para alcançar o que estava sendo almejado. Esse encontro foi muito potente, pois possibilitou que os participantes visualizassem elementos que marcaram as escolhas que estavam fazendo. A partir desse momento, conseguimos aprofundar nas discussões sobre os saberes e fazeres das profissões que os adolescentes vinham demonstrando interesse e curiosidade. Pesquisar informações sobre os cursos e sobre as atuações profissionais foi algo marcante nesse processo. Nesse movimento, procuramos (re)significar estereótipos construídos sobre determinados cursos e profissões, além de ampliar o olhar dos participantes.

Como foi para mim realizar os encontros

A realização do trabalho com os adolescentes foi muito enriquecedora. Propor os encontros semanais, ajudou na relação e na criação de vínculo, além de permitir um espaço de discussão e reflexão para o grupo sobre o que é ser adolescente. Perceber o envolvimento, a participação, a disposição para as reflexões que eram propostas revelaram o quanto a interação e a troca eram necessárias para a construção de caminhos e reflexões que envolvem a orientação profissional. E a partir dessa experiência que tive com a extensão, continuei com o estágio profissionalizante também de forma ERE.

O estágio foi bastante mobilizador, em vários momentos fui atravessada e experienciei sentimentos de identificação com os grupos, pois compartilhava dos mesmos anseios e desesperanças, por vezes sentia que estava vivendo questões muito próximas dos adolescentes, principalmente em razão do cenário epidêmico.

Considerações finais

O presente TCC teve como objetivo compartilhar os significados de uma experiência prática com grupos de orientação profissional para adolescentes realizado no formato on-line em decorrência do cenário de pandemia do COVID-19. Apesar da decepção que vivi por não realizar as minhas atividades de estágio profissionalizante presencialmente, compreendo que foi uma experiência rica por me possibilitar desenvolver outras maneiras de comunicação e interação com o adolescente. A disponibilidade dos adolescentes, o interesse e o desejo por um espaço de escuta e troca possibilitou reflexões importantes para a minha formação enquanto psicóloga.

Durante o processo de OP os adolescentes apresentaram muitas dúvidas e fantasias sobre o que de fato envolve as profissões. Muitas vezes influenciados pela mídia ou por suas figuras de referência, idealizam as profissões a partir dos estereótipos encontrados em nossa sociedade. Uma das atividades oferecidas para os adolescentes, é a oportunidade de conhecer e conversar com pessoas que atuam na área de interesse escolhida por eles, esse contato com os profissionais ajuda a desmistificar as fantasias e incertezas em relação ao curso e ao mercado de trabalho. Andrade, Meira e Vasconcelos (2002) concordam que as informações sobre o mundo do trabalho, apresentadas para os adolescentes, devem ser concretas e verdadeiras, pois eles devem entender o trabalho como inserido em um contexto social e que a escolha nesta etapa da vida vai além de um curso de graduação, trata-se de uma profissão a ser exercida por eles.

Como citado anteriormente, esse trabalho foi realizado sob o olhar da abordagem Histórico-cultural com a atuação da OP. Segundo Aguiar (2006), nesta perspectiva teórica, é indispensável estar atento ao processo que a escolha se estabelece; não ignorar as emoções, pois elas são fundamentais para a compreensão das possibilidades, visto que fazem parte da essência humana. Para além disso, o S. D. Bock (2001) afirma que esta

escolha tem influência do meio em que a pessoa vive, sua classe social e de vários outros fatores, sendo ela histórica. Assim, o Orientador apresenta diferentes possibilidades e realidades, mas a escolha final é individual e particular do sujeito, que não deve se colocar como um ser totalmente independente da sociedade ou como alguém designado ao que foi imposto por ela. Acontece um desenvolvimento de recursos internos do indivíduo.

Perceber o envolvimento, a participação, a disposição para as reflexões que foram propostas revelaram o quanto a interação e a troca eram necessárias para a construção de caminhos e reflexões que envolvem a orientação profissional. E a partir dessa experiência que tive com a extensão, continuei com o estágio profissionalizante também de forma ERA. O estágio foi bastante mobilizador e potente, em vários momentos fui atravessada e experienciei sentimentos de identificação com os grupos, pois compartilhava dos mesmos anseios e desesperanças, por vezes sentia que estava vivendo questões muito próximas dos adolescentes, principalmente em razão do cenário epidêmico.

Referências Bibliográficas

- Aberastury, A.; Knober, M. *Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- Aguiar, W. M. J., BOCK, A. M. B., & OZELLA, S. (2011). A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 5ª Edição. pp. 163 – 178.
- Andrade, J. M. D., Meira, G. R., & Vasconcelos, Z. B. D. (2002). *O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios*. *Psicologia: ciência e profissão*, 22(3), 46-53.
- Becker, D. (2017). *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos.
- Binotto, B. T., Goulart, C. M. T., & da Rosa Pureza, J. (2021). PANDEMIA DA COVID-19: indicadores do impacto na saúde mental de adolescentes. *Psicologia e Saúde em debate*, 7(2), 195-213.
- Bock, S. D. (2001). *Orientação Profissional: avaliação de uma proposta de trabalho na abordagem sócio-histórica*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil.
- Bock, A. M. B. (2004). *A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão*. *Cadernos Cedes*, 24, 26-43.
- Bock, AMB (2004). A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para a psicologia atual. *Psicologia para América Latina*, (1), 0-0.

- Bock, S. D. (2018). *Orientação Profissional a abordagem sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.
- Bohoslavsky, R. (1975). *Vocacional: teoria, técnica e ideologia*. Cortez Editora.
- Bohoslavsky, R. (1996). *Orientação vocacional: A estratégia clínica* (JMV Bojart & WMA Pentead, Trads.).
- Calligaris, C. (2009). *A adolescência* 2ª ed. São Paulo: Publifolha.
- Checchia, A. K. A. (2010). *Adolescência e escolarização: numa perspectiva crítica em psicologia escolar*. Campinas, SP: Alínea.
- de Lima, G. A. M., Uvaldo, M. D. C. C., & Dias, M. L. (2018). *Orientação profissional & Psicanálise: O olhar clínico*. Vetor Editora.
- Histórico da pandemia de COVID-19 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde*. (2019). Recuperado de Paho.org.
<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de>
- Lassance, M. C., & Sparta, M. (2003). *A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho*. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1/2), 13-19.
- Melo-Silva, L. L., Lassance, M. C. P., & Soares, D. H. P. (2004). *A orientação profissional no contexto da educação e trabalho*. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(2), 31-52.
- Trassi, M. D. L., & Malvasi, P. A. (2010). *Violentamente pacíficos: desconstruindo a associação juventude e violência*. São Paulo.

- Ozella, S. (2002). Adolescência: uma perspectiva crítica. *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*, 16-24. Brasília: CRP
- Ozella, S. (2003). A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*, 17-40.
- Quiroga, F. L., & Vitalle, M. S. D. S. (2013). *O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico*. *Physis: revista de saúde coletiva*, 23, 863-878.